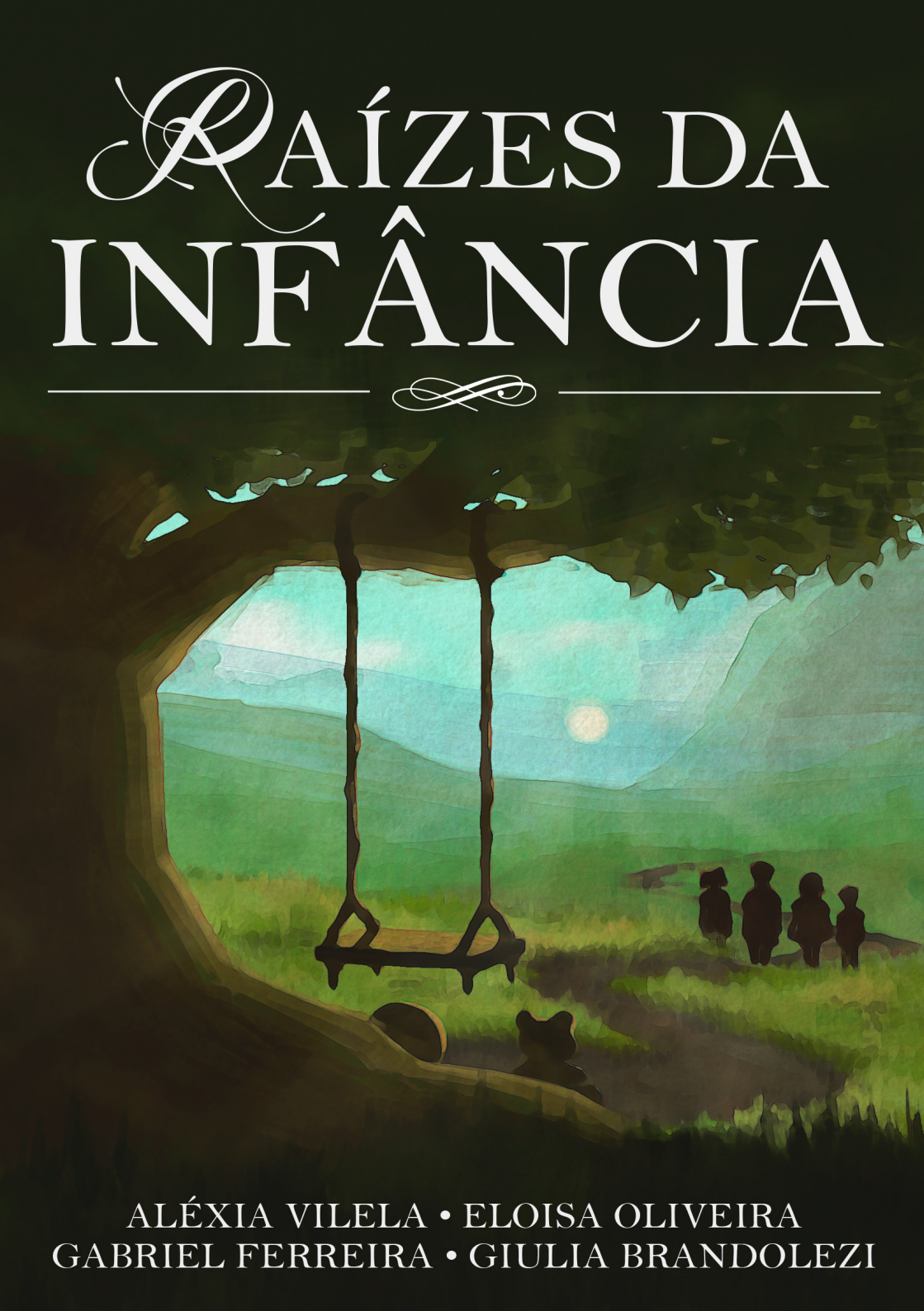
# Raízes da Infância



Aléxia Vilela • Eloisa Oliveira
Gabriel Ferreira • Giulia Brandolezi

# RAÍZES DA INFÂNCIA

ALÉXIA VILELA • ELOISA OLIVEIRA
GABRIEL FERREIRA • GIULIA BRANDOLEZI

2025

TEXTO
Aléxia Vilela
Eloisa Oliveira
Gabriel Ferreira
Giulia Brandolezi

ORIENTAÇÃO
Christiane Pitanga
Nicoli Tassis

ORIENTAÇÃO DE EDITORAÇÃO
Ricardo Ferreira de Carvalho

EDIÇÃO / REVISÃO
Nicoli Tassis

ILUSTRAÇÃO DE CAPA E CONTRA-CAPA
Thaís Gericó

ILUSTRAÇÕES DOS CAPÍTULOS
Laura Troiano Hayek

PLANEJAMENTO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO
Aléxia Vilela
Ricardo Ferreira de Carvalho

E-BOOK
Ricardo Ferreira de Carvalho

COMUNICAÇÃO DIGITAL
Ana Clara Faria de Freitas
Giovanna dos Santos Louzada

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

R278 Raízes da infância [recurso eletrônico] / Aléxia Vilela Maria de Souza ... [et al.]. -- Uberlândia : [s. n.], 2025.
66 p. : il. color.

ISBN: 978-85-64554-94-8
Livro digital (e-book).

1. Infância. 2. Vulnerabilidade social. 3. Crônicas. I. Souza, Aléxia Vilela Maria de. II. Título.

CDU: 82-3

Bruna dos Santos Pinheiro
Bibliotecário-Documentalista - CRB-6/3805

Para Luzia, Maria, Gabriel e Daniel,
por compartilharem suas histórias conosco.

# Sumário

Agradecimentos
Aléxia Vilela

Prefácio
Giulia Brandolezi

Apresentação
Giulia Brandolezi

"Morar com os outros não é fácil"
Aléxia Vilela

"Apesar de tudo, eu tive infância sim"
Eloisa Oliveira

Em meio à festa, uma revelação
Giulia Brandolezi

Ká Poeira
Gabriel Ferreira

# Agradecimentos

Agradecemos profundamente a Luzia, Maria, Gabriel e Daniel, que abriram seus corações e compartilharam suas histórias particulares conosco. Sem a coragem e a confiança de vocês, este livro não existiria.

Também somos imensamente gratos às nossas orientadoras, que nos guiaram com paciência e incentivo, ajudando a transformar vozes em palavras que preenchem estas páginas.

Por fim, agradecemos a todos os professores e técnicos do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia, que, ao longo da nossa trajetória, nos ensinaram a escutar, aprender e promover espaços para as histórias que merecem ser contadas, com cuidado e compromisso.

*Aléxia Vilela*

# Prefácio

A infância, como se conhece hoje, repleta de afeto, proteção e aprendizado, nem sempre existiu socialmente como conceito e prática dessa forma. Na Idade Média, por exemplo, as crianças eram vistas como "miniadultos". O historiador francês Philippe Ariès, em sua obra História Social da Criança e da Família, define que apenas a partir do século XVII a infância passou a ser compreendida como uma fase única, merecedora de cuidado e atenção. Antes disso, as crianças participavam do mundo dos adultos, assumindo funções e responsabilidades muito cedo.

Crianças que precisam trabalhar, que cuidam de irmãos, que enfrentam traumas e que aprendem, cedo demais, a se defender do mundo. Elas continuam existindo. Estão nas ruas, em casas simples e luxuosas, nos bairros mais afastados e nos condomínios fechados. Estão perto, mas, muitas vezes, não são vistas.

Foi com esse incômodo que iniciamos nosso projeto. Mais do que cumprir uma disciplina, desejávamos por algo com sentido. Algo que pudesse tocar você também. Por isso, escolhemos contar histórias reais de quem viveu a infância como uma travessia difícil, e que hoje, seja na vida adulta ou já na velhice, ainda carregam as marcas desse tempo, mas também, potenciais de transformação.

A escolha por narrativas em forma de crônica não foi por acaso. Queríamos uma linguagem acessível, sensível e próxima. Não

queríamos dados frios, nem análises distantes. Queríamos pessoas. Vozes. Gestos. Expressões. Lembranças. Olhares.

Escrever este livro é uma forma de reconhecer essas histórias e de dizer, com firmeza, que infância não é um privilégio, é um direito. Um direito que, infelizmente, continua sendo negado a milhões de meninos e meninas no Brasil. A desigualdade social, a falta de políticas públicas, o abandono do Estado e a violência cotidiana ainda impedem que muitas infâncias existam como deveriam.

Esta obra não traz soluções. Antes, propõe uma escuta. E, talvez, escutar com atenção seja o primeiro passo para a transformação. Esperamos que, ao virar estas páginas, você se permita sentir. E, ao sentir, que algo dentro de você se mova. Porque toda criança merece ser apenas criança. E nenhuma memória de infância deveria ser marcada por dor.

*Giulia Brandolezi*

# Apresentação

Infância. Palavra que, para muita gente, revisita lembranças de brincadeiras, escola, colo de mãe, de avó… Mas nem toda criança tem a chance de viver isso. Para muitas, a infância é encurtada por responsabilidades que chegam cedo demais, por violências que não deveriam existir, por ausências que doem fundo…

Este livro nasce de um desejo coletivo de escuta. Durante o desenvolvimento do Projeto Experimental em Comunicação, no curso de Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia, nos aproximamos de uma realidade que atravessa gerações e permanece invisível: a infância roubada por diversos tipos de vulnerabilidade social e contextos adversos.

A proposta surge da vontade de contar histórias reais, marcadas por responsabilidades precoces, dor, ausência, violência ou negligência. Cada uma delas foi confiada a nós com generosidade, e é com o mesmo respeito que as transformamos em crônicas.

Ao longo do livro, você, leitor, irá encontrar quatro narrativas sensíveis, escritas por nós, jornalistas em formação. As vozes que preenchem estas páginas não são mais de crianças, mas pessoas que carregam na memória uma infância interrompida.

A primeira é um retrato íntimo de avó e neta em conversa. Sentadas sob a sombra de uma mangueira, Dona Luzia compartilha a dureza de sua infância. Aos cinco anos, foi levada para viver com

parentes que a maltratavam, longe da mãe e do carinho. Sem brinquedos, sem liberdade, sem espaço para sonhar, ela vivenciou uma infância marcada pela necessidade de sobrevivência e o sonho de voltar aos braços de sua mãe.

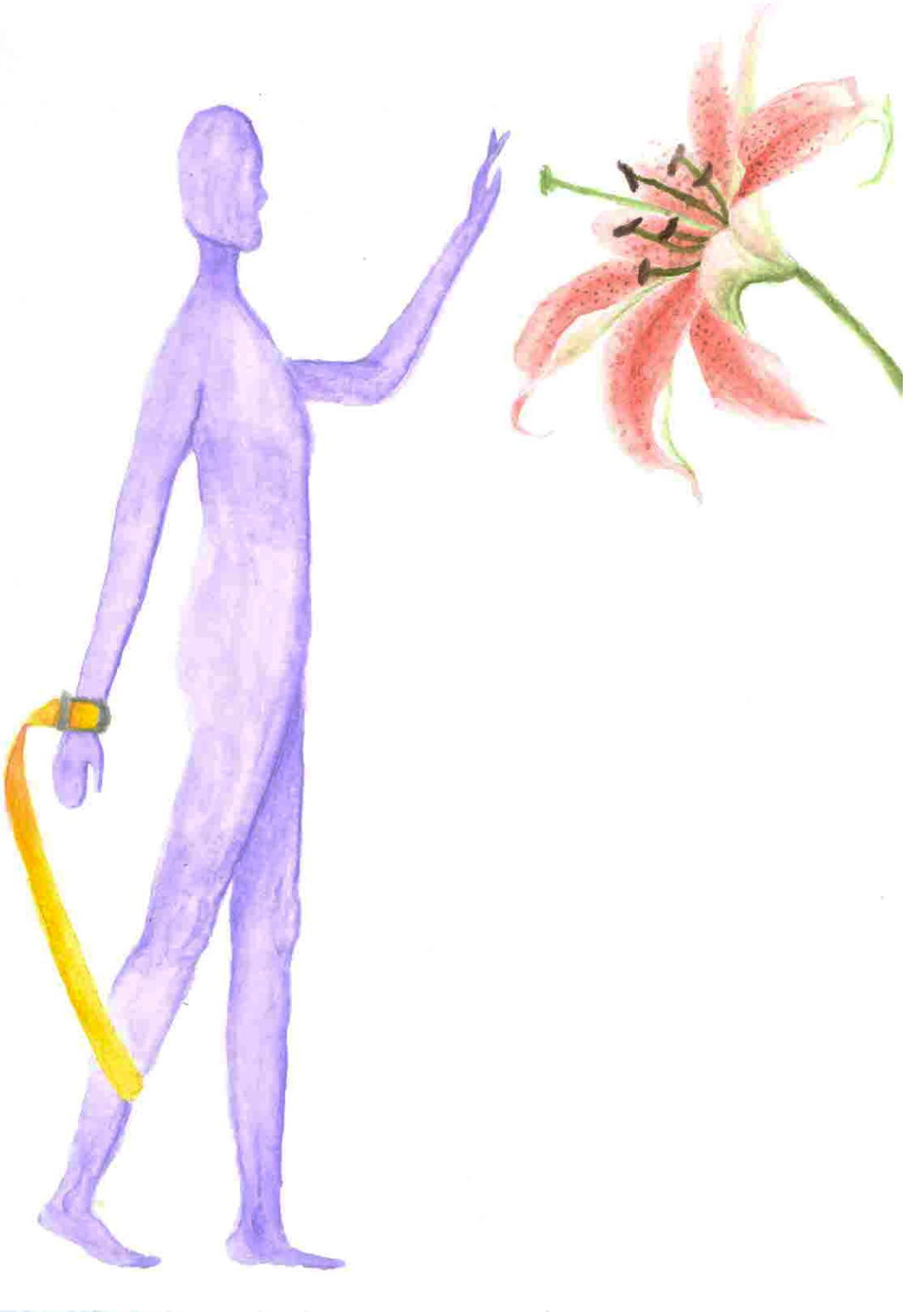
A segunda crônica acompanha Maria, uma mulher que se tornou "mãe" dos irmãos aos 11 anos, após a morte da própria mãe. A jornalista que conta sua história se depara com memórias de uma infância deixada para trás por amor, mas também por imposição da vida.

A terceira conta um desabafo inesperado. Em meio a uma festa entre amigos, Gabriel, um jovem quieto e desconectado do ambiente, revela feridas profundas causadas por uma infância vivida entre agressões, rejeições e solidão. Entre memórias dolorosas, ele expõe como seu comportamento rebelde e a dificuldade de se sentir amado são reflexos de uma infância que lhe faltou.

A última, acompanha o menino Samuel que chega para sua primeira aula de capoeira e acaba conhecendo, ali, a trajetória de Daniel, o professor. Entre uma conversa e outra, ele escuta sobre uma infância marcada pela ausência do pai, pela pobreza e pelo trabalho infantil. As lembranças de Daniel se misturam à música do berimbau, e revelam um passado de luta e de força silenciosa, que no presente se transformam num fôlego para a transformação de outras infâncias.

Estas são histórias que, apesar de únicas, dialogam entre si. Todas falam de infâncias silenciadas, substituídas por papéis e obrigações que vieram cedo demais. Ao reunir essas vozes em um só livro, queremos convidar você, leitor, a escutá-las com atenção. Escrevemos com o desejo de fazer pensar. De tocar. De provocar um olhar mais atento para as infâncias que se perdem, mas também para a infância que insiste em existir, mesmo nos lugares e contextos mais improváveis.

*Giulia Brandolezi*



*Eu não tive infância de criança mesmo.*
*Era uma coisa assim... que as pessoas não gostavam da gente.*

# "Morar com os outros não é fácil"

*Aléxia Vilela*

Ela está sentada embaixo de um pé de manga, bem ao lado da cozinha, o cômodo mais novo da casa que acompanhou sua infância. Aquele é um dos cantos mais calmos e frescos da "roça". Tanto que o tio construiu um banco ali de propósito. Quando ninguém está por lá, até os bichos gostam de tomar conta do espaço. É só alguém se aproximar, que eles começavam a "beirar".

É domingo. Por volta das três da tarde. O sol está forte e o calor intenso, típico de Douradoquara, uma cidade pequena no interior de Minas Gerais, próximo à divisa com o estado de Goiás, hoje com cerca de 1.800 habitantes. Apesar do dia quente, o clima não incomoda muito, pois ela está escondida na sombra da árvore. Ou melhor, das árvores. Dois pés de manga cresceram tão juntos, que agora brigam por espaço. Um é de manga borbona; o outro, de manga abacaxi. Pelo menos, foi isso que lhe disseram a vida inteira.

A manga borbona é mais rara e gostosa. A avó costuma dizer que o outro pé está matando o de borbona. E ela concorda, mas, desconfia que se cortasse a árvore, o mais provável seria que a sombra fosse embora. É melhor não arriscar… Falando na avó, naquele momento, ela ainda está terminando de almoçar. Como de costume, era sempre a última a comer.

Os domingos, por ali, tem cara e rotina de domingo. A família se reúne religiosamente, todos os finais de semana, na "roça". Os

avós, os seis dos sete filhos que ainda moravam no "Quara", os genros, as noras, os netos, os bisnetos… e sempre havia mais alguns agregados! Quando tem "pouca" gente, é por volta de vinte pessoas.

A avó começa a organizar o almoço cedo e, dependendo de quem se oferece, ela até deixa ajudar. A comida costuma sair por volta das duas da tarde. Há quem estranhe, mas para a família é algo normal. Quando termina tudo, ela manda chamar todo mundo. E só então, se senta. É por isso que ela é sempre a última a comer, e gosta que seja assim.

Agora, alguém já está lavando a louça. Dá para ver pela janela da cozinha. Era um sinal de que a avó também havia terminado de comer.

Quando a neta nasceu, os avós ainda moravam na "roça". Na época, só uns dois tios tinham carro, e chegar até ali era uma verdadeira saga. "É… as coisas eram um pouco mais difíceis do que são hoje" - pensa, enquanto pondera que eram somente 20 e pouco anos atrás. Imagina, então, como teria sido a juventude dos seus avós.

Hoje ninguém mais mora ali. O avô, Eleno ou Fi, como todos o chamam, aos 85 anos, ainda vai todos os dias com um dos tios para cuidar das "criação". Já a avó costuma ir só aos fins de semana, quando a família está reunida. E, naquele domingo quente, depois do almoço, ela também vai aproveitar a sombra dos pés de manga.

A neta observa a avó se aproximar. Ela traz a sua cadeira branca, porque ela bem sabe que o banco não é muito de confiança. O chão irregular exige um certo cuidado. Ela procura um lugar no qual a cadeira fica bem apoiada. Se acomoda. Suspira. É aí que a neta puxa a conversa:

— E aí Dona Luzia! Que calor, hein! - brinca a neta, chamando a avó pelo nome com carinhosa ironia.

— Pelo menos aqui tá fresco… lá na cozinha tá mais quente. - responde a avó.

As folhas das árvores balançam. Dá para ouvir as conversas da família e o grito das angolas ao fundo. Por perto, uma ou outra galinha cisca no mato.

— E quando a senhora era mais nova. Fazia esse calor todo?

— Fazia! Mas nem dava muito tempo para pensar no calor… era tanta coisa para fazer. - relembra a avó.

— E o que a senhora fazia? Morava com a mãe da senhora?

— Morei com ela só até cinco anos. Depois disso, infância mesmo eu não tive.

Dona Luzia, 81 anos, é a quarta de nove irmãos. Sua mãe, Antônia, vivia naquela mesma região que, na época, ainda não havia sido emancipada como Douradoquara. Naquele tempo, era comum que famílias com dificuldades financeiras deixassem seus filhos morarem com outras pessoas, como uma forma de aliviar a situação e garantir que as crianças tivessem comida e cuidados.

Aos cinco anos, um parente pediu que a pequena Luzia pudesse morar com ele e a esposa… Ela se lembra que no dia estava brincando com seu irmão mais novo, José Antônio, atrás do rancho, enquanto a mãe fiava na roda de fiar.

— Minha mãe não queria deixar eu ir. Aí ele falou 'mas eu vou cuidar dela, pode deixar que eu vou cuidar dela', e ela deixou. - relembra a avó — Eu fui morar ali perto da Estação.

A neta pensa um pouco na distância… Tem uma vaga lembrança de onde ficava a antiga estação de trem da cidade. É bem longe de onde fica a "roça". A avó conta que, antigamente, era uma região de mato denso, bem isolada. E quando Luzia chegou à nova casa, encontrou uma realidade bem diferente de cuidado.

— Ela me batia todo dia. Quando ela acordava, saía de casa e já voltava com uma vara na mão. - conta a avó, passando a mão pelo rosto como quem tenta afastar uma lembrança — Eu "penei" na mão dessa mulher, Nossa Senhora da Abadia.

— Essa era a esposa do tio da senhora? - pergunta a neta, com cuidado.

— Era. - confirma a avó — Eu lembro Aléxia… Eu tinha uns sete anos, uma mulher lá perto ganhou menino e ela me colocou para lavar as roupas dessa mulher. Eu era menina, não dava conta. Ficava lá, dentro do "corgo", mas não tinha nem força para esfregar nada.

A infância de Luzia esteve longe de ser fácil. Durante a conversa, ela conta que não gostava de jiló, aquele alimento amargo, mas era obrigada a comer em meio a agressões físicas e gritos. Como toda criança, também tinha seus medos. Um dos maiores eram os micos que ficavam próximo ao córrego. Mas era para lá que ela precisava ir todos os dias buscar água para abastecer a casa. E não adiantava ficar com receio ou chorar, isso nunca foi considerado.

Enquanto a avó conversa com a neta e remexe em suas memórias, surgem mais lembranças marcadas pela tristeza. A maioria regada por violência frequente e a privação do direito de somente viver a infância. Foi quando a neta pergunta.

— E a senhora tinha algum brinquedo?

— Eu não tinha nada pra brincar. Tinha uma vizinha lá, ela era boa, essa mulher… você precisava de ver. - conta, com um sorriso — Aí ela fez uma boneca pra mim. Mas eu não podia nem brincar com a boneca. Nunca tive essas coisas de brincar de casinha, igual minhas meninas tinham aqui na "roça".

Uma infância dedicada ao trabalho, como se fosse um pequeno adulto. Depois da mudança para a casa dos tios, Luzia raramente via a mãe ou outro membro da família. Passando a mão no rosto, ela diz acreditar que muitos dos problemas de saúde nos dias de hoje, são reflexos do passado difícil que viveu.

— Tem um sinal aqui. Fora os outros… ela batia demais na minha cabeça - relembra a avó — Mas esse dia, ela quase me ma-

tou. Eu estava socando o arroz, ficava assim na porta da cozinha, e ela estava fazendo um sabão na fornalha. Ela veio e me agarrou pelo braço e começou a me bater. Meu tio não estava em casa, e eu já estava caída no chão, ela foi e "desceu" a pá de sabão aqui. - disse, apontando para a pálpebra do olho direito.

— Quando o sangue desceu, ela foi e me largou. E eu saí tonta… fui passar na porta, ela me empurrou e mandou eu ir pro "corgo" lavar a cara. Tinha um pé de lírio na porta de casa, fui pegando as folhas do pé de lírio e passando assim, tirando aquelas pelotas de sangue. - conta, com a voz embargada — Aí, Aléxia quando desci pro "corgo", quanto mais lavava, mais sangue saía.

Ao longo dos anos, a situação não melhorou. As agressões, na maioria das vezes, aconteciam quando o tio não estava em casa. Durante esse período, ela se mudou com a família algumas vezes, ficando cada vez mais distante de sua mãe. Até o dia em que, finalmente, ela conseguiu sair de lá.

— Cheguei com o padrinho Rivalino. Ela veio com o facão, gritando: 'Sua sem vergonha', e já fez assim com o facão para me acertar - comentou, fazendo o gesto de sobe e desce com a mão — Aí nesse dia meu padrinho me tirou de casa, e me mandou ir morar com o sogro e com a irmã dele. Eu peguei um saquinho que vinha com sal e juntei minhas coisas. Atravessei o "corgo" e me mandei.

Nessa época, Luzia tinha por volta de oito anos. Já não estava mais em Minas Gerais, ela não lembra o local exato, mas explicou que era pro lado de Iporá, em Goiás.

— É muita coisa pra contar. - fala a avó, sorrindo para a neta.

As duas ainda estavam sentadas ali embaixo das árvores. A neta reflete que conhecia o passado dos avós, mas não com tamanha profundidade. Sabia sobre os irmãos da sua avó, e que todos, em algum momento, haviam morado longe da mãe. Não por vonta-

de própria, mas por necessidade da vida. Cada um sob uma circunstância diferente. Era questão de sobrevivência.

Após sair daquela realidade, em que tanto sofreu, as coisas melhoraram um pouco. Morou de família em família. Um pouco mais velha, foi morar com uma madrinha. Ainda era Goiás, pouco depois do Rio Paranaíba, que faz divisa com Minas Gerais.

— Eu não fazia nada de errado. De primeira, o povo batia nos meninos, a gente sabia nem o que estava fazendo. Morria de medo, sabe? Tinha dias que eu ajudava a passar pano no tear. Você tinha que contar assim, e ela já ia passando no liço - contou, mostrando com as mãos como fazia na época — Ela que pegava as casinhas do liço errado e falava que era eu.

De lá onde morava, Luzia conseguia ver as proximidades da região onde vivia sua mãe. O Morro da Cruz era o ponto de referência, o sinal de onde ela queria estar.

— Aí eu peguei e falei: 'Tenho que dar um jeito dessa vida, minha'. Uma vontade de vir embora… Era um lugar ruim, Nossa Senhora da Abadia. - lembra.

No embalo da conversa, a avó continua a contar histórias de uma infância sem infância… até que faz uma confidência que deixa a neta sem palavras:

— Tentei me matar duas vezes. - faz uma pausa, como se estivesse revivendo o momento — Um dia eu tentei me enforcar, usando um cinto que, de primeira, falavam cinturão, que a comadre Tereza me deu. Fui lá pro "munjolo". Mas Aléxia, para você morrer enforcada, tem que fazer as coisas certas. Já que enforcada não deu, fui "caçar" outro jeito.

— Cheguei lá dentro fui procurar um veneno de tatu. Se mata tatu, mata gente também. - conta, com a voz embargada, mas firme — Peguei a latinha na prateleira e coloquei na janela do meu quarto. Aí, enquanto eu rodiei, a minha madrinha entrou lá dentro e deu

uma olhada. Tudo é Deus, né? Viu a latinha na janela e me perguntou quem tinha tirado do lugar. Falei: 'Fui eu mesma, essa vida minha não dá não. Tenho é que morrer'.

A avó segue relembrando os sofrimentos. Ainda tão nova, trabalhava tanto, ia para a roça ajudar a plantar amendoim e mesmo assim não tinha valor.

— Eu não tive infância de criança mesmo. Era uma coisa assim… que as pessoas não gostavam da gente.

Aí ela para um instante. Busca um fôlego na memória, enquanto olha para as árvores em volta. Apesar daquele lugar, a "roça", ter sido seu lar por muitos anos em um passado mais recente, sua história ainda não chegara nem perto dali. Nas lembranças, que confidenciava à neta, ela ainda estava longe, muito longe de casa.

— Quando fui morar com a madrinha Nelita, as coisas mudaram. Aí eu mais a Joana, que morava lá também, arrumava um brinquedo, mas já estava mais moça também. Quando vim já estava com onze anos.

Alguns nomes não eram mais tão desconhecidos para a neta. Aléxia sorri, tentando se lembrar um pouco melhor se já havia escutado algum antes. Pela primeira vez, a avó falava de um tempo que não doía tanto.

— E como era? A senhora tinha mais tempo para brincar?

— Sim. Nóis pegava uns "arrei" mais velhos e colocava em "riba" de umas bananeiras que eles cortavam. - conta a avó, em meio a algumas risadas — Menino é custoso né?! Aí nóis "arriava" a bananeira, subia lá e ia andar de cavalo. A madrinha Nelita via e brincava: 'Ter que arrumar um serviço pra vocês, hein!'

Já havia se passado quase uma hora de conversa, mas avó e neta nem viram passar. O avô já havia descido para começar a preparar as comidas para as "criação"; logo ia ser hora de ir embora para a cidade. Ainda assim, elas continuam conversando, alheias ao presente.

— Às vezes à noite, as meninas do "sô" João Nogueira iam lá pra casa, nóis ia lá pra comadre Geralda… aí nóis brincava. A lua clarinha. Nóis sentava lá no cocho, aí já era mocinha, brincava de passar anel, cobra-cega. Outra hora era de jogar baliza, baralho, burro. - fala, sorrindo — Mas, já depois de grande. Assim, igual minha neta Íris, nós nunca teve essa infância.

Mãe de sete, avó de onze e bisavó de sete, ela lembra de como foi ver o crescimento dos seus, tendo tempo de brincar. Íris, uma das bisnetas mais novas citada pela avó, corria ali mesmo, brincando na área ao lado da cozinha, a poucos metros de onde a conversa acontece.

— Acabava que não tinha muita oportunidade, né? - pergunta a neta.

— É, morar com os outros não é fácil. Aí não tive estudo, porque não colocavam a gente na escola. Eu via os meninos deles indo para a escola, tinha a mesma idade, né? Mas, ficava abanando feijão, café. - desabafa Luzia — Com uns 14 anos já torrava farinha. Via eles indo para a escola e ficava numa vontade…. Mas, eu aprendi a assinar o meu nome.

Uma vida de casa em casa. Dessa vez, explica a avó, a madrinha Nelita nunca a maltratou. Chamava as meninas para ajudar, ensinava com paciência. Foi ali que ela foi crescendo, aprendendo coisas que, até hoje, continua fazendo e ensinando a seus filhos e netos.

— De lá eu saí casada. E hoje tenho essa família maravilhosa, eu agradeço todos os dias a Deus

— Isso tenho de concordar! - responde a neta sorrindo.

O sol já está mais baixo. Aproxima-se o tempo de despedir da "roça". Um já havia desligado o som do carro; outro já está guardando as vasilhas no armário. E a conversa também vai caminhando para o fim.

Um dos filhos se aproxima, pelo mesmo caminho que avó e neta haviam chegado.

— Mãe, gente tá quase indo. Se quiser ir arrumando as coisas da senhora. - avisa, se afastando logo em seguida.

— Mas isso tudo aí, Aléxia, que estou te contando, é uma realidade. Não é mentira, Deus que está lá em cima é testemunha de tudo o que passei - fala, com a voz novamente embargada — A vida foi bem complicada. A gente passou o que passou, mas o Senhor está do meu lado em todos os momentos. Nossa, como eu tenho que agradecer.

A neta assente com a cabeça.

— Graças a Deus, né vó? Obrigada por me contar. - diz, com um sorriso — Acho que é melhor a gente voltar lá pra dentro, para a senhora arrumar as coisas com calma. Daqui a pouco, meu pai começa a nos chamar pra ir embora.

As duas se levantam. A neta pega a cadeira para levar para dentro de casa, enquanto a avó segue na frente. Deixam para trás a sombra dos pés de manga e o banco de madeira, com o coração cheio de lembranças compartilhadas. "Quanta história para contar" - pensa a neta — "Quem sabe um dia, num livro".

*Eu saí da escola para ser mãe.*
*Eu me tornei mãe aos onze anos.*

# "Apesar de tudo, eu tive uma infância sim"

*Eloisa Oliveira*

O sol parecia mais tímido naquela manhã, filtrando-se preguiçosamente pela janela do carro, enquanto o veículo se movia tranquilamente pelas ruas de Araxá, uma cidade de pouco mais de 100 mil habitantes do interior de Minas Gerais. Eloisa Oliveira estava nervosa, não porque não soubesse o que estava fazendo, mas porque ansiava por conhecer a história de sua fonte. A jovem jornalista de 21 anos tinha partido de Uberlândia, também em Minas Gerais, e viajado cerca de 3 horas e meia de ônibus a fim de ir atrás de uma história que mudasse sua carreira.

Até aquele momento, tinha escrito matérias sobre acidentes de trânsito, operações policiais, descobertas na medicina, entre outras coisas, quase que um pouquinho de tudo. Mas nunca tinha chegado a sair de trás da tela do computador e viajar por conta de uma história. Aquilo era importante, um marco em sua pequena experiência na profissão, e isso é o que a deixava nervosa. Lá fora do táxi no qual ela estava, o dia transcorria sem grandes acontecimentos ou ansiedades. Até porque, a ansiedade como é conhecida pelos seres humanos não existe na natureza. As árvores, por exemplo, não se precipitam para crescer, pulando fases importantes de sua existência.

Pelo contrário. Eloisa se lembrou de ler em algum lugar que um carvalho inglês demora cerca de 40 anos para atingir a

maturidade. Nos seres humanos, a idade em que se atinge a fase adulta é bem diferente. Legalmente, pensou a jornalista, nos tornamos adultos aos 18 anos. Mas, o desenvolvimento cerebral e emocional total pode levar até 25 anos. Era sobre esse tipo de coisa que ela pensava quando estava sozinha, em silêncio com seus pensamentos. A profissão lhe dera um conhecimento vasto sobre diversos assuntos, seja sobre medicina, esportes, história…

No entanto, seus pensamentos se voltaram para a sua fonte conforme se aproximava da casa dela. O que era o amadurecimento para Maria? Com que idade ela considerava que tinha se tornado adulta? Eloisa se lembrava da primeira conversa que tiveram pelo telefone e de uma fala da mulher de 58 anos que a marcou muito:

— Eu saí da escola para ser mãe. Eu me tornei mãe aos 11 anos.

E a mulher não estava falando sobre uma gravidez enquanto ainda era criança. Ela tinha se tornado mãe dos irmãos após a morte de sua mãe. No caso de Maria, Eloisa pensou, a maturidade prematura não veio por conta da ansiedade. Ela se tornou uma miniadulta aos 11 anos por conta das responsabilidades que caíram sobre seus ombros. Maria não pulou fases porque quis. Não era uma escolha, mas um compromisso que ela tomou sobre si, não com amargura, mas com amor. Mesmo que aquilo significasse sacrificar, de certa forma, a si mesma.

O carro parou em um solavanco. Uma casa na cor amarelo-claro e cheia de plantas apareceu à esquerda de Eloisa. Ajeitando a gola da camiseta (ela agora percebia que não tinha feito a melhor escolha de roupa para aquele dia quente e o calor sempre a deixava ainda mais ansiosa), a jovem pegou a bolsa com o notebook e uma mochila que trouxera com seus pertences. Desceu do carro, agradecendo ao motorista e conferiu no celular o horário. Pelo menos tinha sido pontual: 14h30. Parecia ser uma tarde de sábado qualquer para as pessoas que estavam sentadas na calçada da rua

conversando, cochilando ou apenas olhando para o nada. Mas não para Eloisa, que estava prestes a encontrar a sua fonte pessoalmente pela primeira vez.

Antes que deixasse suas coisas no chão para bater palmas na frente da casa, anunciando sua chegada, Eloisa viu Carol, a neta mais velha de Maria, saindo pela porta em sua direção. Ela abriu o portão da garagem e recebeu a jornalista com um sorriso e um abraço. Era uma pessoa muito calorosa e animada, a qual fez a conexão entre Eloisa e Maria. As duas jovens eram amigas, apesar de não se conhecerem há tanto tempo, e o seu contato ter sido iniciado apenas de forma profissional.

— Ainda não acredito que vai passar a noite em um Airbnb - disse Carol, olhando para a pequena mochila que Eloisa levava. A amiga a tinha convidado para dormir na casa de sua família, mas a jornalista gentilmente recusou.

— Será apenas por uma noite! Não seja dramática - Eloisa sorriu.

Na porta da casa apareceu Maria. Ela estava usando calça jeans, então Eloisa não conseguiu ver com clareza a prótese na perna esquerda, apesar de saber do acidente que a mulher sofrera aos 5 anos, que a levou a amputar o membro anos depois. Esse era um dos assuntos sobre os quais elas iriam conversar. Ainda havia muito para a Eloisa escutar de Maria. E ela mal podia esperar por isso.

Ao ver a mulher parada na porta, parte de sua ansiedade se dissipou. Ouvir as pessoas e escrever histórias era uma das coisas mais importantes para a jornalista. E "o que é importante para a Maria?", indagou a jovem em seus pensamentos. Em comparação com a mulher de 58 anos, Eloisa tivera uma infância muito diferente. Além da disparidade geracional, a jovem crescera em uma pacata cidade no interior de São Paulo, sendo influenciada pelas metrópoles ao redor de seu município. Era a filha mais velha de

uma pequena família de quatro pessoas. Só sentira a dor do luto na morte do seu avô paterno e, anos depois, na partida do avô materno, quando já era adulta.

Como Eloisa já sabia, Maria nascera na zona rural de Araxá e a mudança para a cidade acontecera quando ela ainda era pequena. A mulher sentiu a dor do luto bater à sua porta pela primeira vez quando ainda era criança. Era a 8ª filha de uma família de 12 crianças. Apesar das diferenças, algo unia as duas. Talvez era a ambição da jornalista em conhecer mais da fonte e escrever uma boa história. Ou, então, a gentileza e receptividade da mulher de 58 anos.

Eloisa e Maria também se cumprimentaram e, acompanhadas de Carol, entraram na casa. Os netos mais novos da mulher estavam correndo pela casa e, com um sorriso brincalhão, ela os repreendeu por passarem direto pela visita sem ao menos dar um "oi". As crianças rapidamente obedeceram à matriarca e, cutucando uns aos outros, cumprimentaram a jovem jornalista. Antes mesmo que ela pudesse responder o cumprimento, já voltaram para o quintal para brincar.

As três se dirigiram para a cozinha. Eloisa e Carol sentaram à mesa, um móvel redondo de madeira com seis lugares, enquanto Maria se colocou na pia e começou a passar o café. Pães de queijo estavam dispostos em uma bandeja em cima da mesa, enquanto o cheiro da bebida quente começava a se espalhar pelo ambiente. Estranhamente, a jornalista se sentiu muito confortável, apesar de ser a primeira vez naquela casa com aquela gente.

— Então, sobre o que você quer saber, menina? - começou Maria.

Eloisa lembrou que a neta a advertira antes de conhecer a mulher que ela dispensava maneirismos linguísticos como "senhora" ou "dona". Então, ao responder, a jovem a chamou pelo

primeiro nome, por mais que o ato a fizesse se "coçar" por dentro, incomodada com o que foi criada para achar "falta de educação":

— Maria, primeiro de tudo, eu queria agradecer muito a senho… - ela se interrompeu antes que dissesse "senhora". — Você por me receber na sua casa e topar falar comigo! Como nós já conversamos por telefone, eu gostaria muito de saber mais sobre sua história, de me aprofundar principalmente na sua infância. Você irá me ajudar muito na minha reportagem.

A mulher sorriu e as serviu com xícaras de café. Eloisa estava impressionada com a doçura dela. A jovem estava acostumada com fontes fechadas, que não sentiam liberdade para contar suas histórias para uma jornalista que mal conheciam. Especialmente quando o assunto não era fácil.

— Bom, como você já sabe, eu nasci na zona rural daqui de Araxá em 1967 - ela começou, sentando-se à mesa também. Enquanto isso, Eloisa e a neta bebiam café — Não tenho muitas lembranças da época em que morava na roça, porque me mudei para cidade aos 5 anos. Eu fiquei um ano morando aqui, quando me aconteceu uma fatalidade. Eu sofri um acidente, uma árvore caiu na minha perna. Isto aconteceu em novembro de 1973, se não me falha a memória. Eu tive uma quebradura muito complicada naquele tempo.

A neta acompanhava calada a situação, tentando não atrapalhar o raciocínio da avó, mesmo que já ouvira aquelas histórias muitas vezes. Naquele momento, o notebook de Eloisa ainda estava na bolsa, mas ela tirara um bloquinho de notas surrado da mochila e começara a anotar conforme Maria ia falando. Em alguns momentos, ela simplesmente parava para ouvir a mulher, olhando diretamente para ela, quando sentia que estar presente e ouvir era mais importante do que anotar.

— Eu fiquei internada apenas dois meses e meio na Santa Casa de Araxá. Depois, fui levada para o Hospital da Criança de Uberaba,

onde fiquei internada por um ano. O intuito era que a minha perna fosse realmente amputada, mas isso só aconteceu em 1995.

— E o que te marcou mais durante esta internação em Uberaba? Como você era tratada no hospital? - perguntou a jornalista.

— Graças a Deus, eu fui muito bem tratada, viu, Eloisa. - garantiu. — O médico que cuidou de mim na época ainda é vivo e é muito renomado na cidade. Mas quando eu estava internada, ele ainda era muito novo. Eu me lembro dos nomes de alguns profissionais até hoje. Eu não tenho nenhuma lembrança de ser maltratada ou de ver alguma outra criança passar por isso. Porém, esta parte da minha vida me serviu de muito aprendizado, porque eu tenho, às vezes, alguns traumas de infância por conta do que presenciei naquele lugar, os pacientes… as crianças que chegavam acidentadas com queimaduras.

Eloisa deixou sua mente viajar. Conforme Maria contava sobre sua internação, a jornalista a imaginava aos 5 anos deitada em uma maca, em um quarto cheio de outras crianças. Na sua imaginação, uma enfermeira entrava na sala acompanhada de dois enfermeiros que empurravam uma maca com um menino de 2 anos deitado. A criança chorava aos berros. Metade de seu rosto estava queimado, junto a parte do pescoço e do ombro. Os profissionais precisavam segurá-lo à força para medicá-lo.

— E você recebia visitas da sua família, durante este ano? - questionou Eloisa.

— Ah, às vezes sim - Maria parecia pensativa. — Mas não com frequência. Porque, naquele tempo era tudo muito difícil, a minha família era muito humilde. Naquela época, ir para Uberaba era como, suponhamos, sair de Araxá para o Rio de Janeiro. A minha mãe mesmo nunca me visitou. Ela nunca me contou o porquê, mas eu ouvi da boca dos meus irmãos até o dia em que ela

faleceu, que ela não me visitava porque não iria aguentar ter que ir embora e me deixar lá. - disse ela, enquanto Carol estendia o braço sobre a mesa para acariciar a mão da avó — Mas isso não me remete a nenhuma tristeza não, viu.

— Não deveria ser fácil para sua mãe, né vó? - comentou a neta. Eloisa assentiu com a cabeça, concordando com o comentário dela.

Maria, que antes estava olhando com ternura para as mãos dadas com a neta, direcionou o olhar para a jornalista que a entrevistava. Eloisa não sabia discernir o sentimento que via por trás daquele olhar. Tristeza? Ressentimento? Ou talvez saudade? Apesar das dificuldades, a mulher fazia questão de afirmar que não se entristecia ao lembrar da época de sua internação, por mais desafiador que fosse ficar longe da família aos 5 anos, rodeada de crianças que, por vezes, estavam em um estado de saúde pior do que ela mesma. Não tem como isso ter sido fácil, Eloisa pensou, mas não externalizou o pensamento. Quantas cenas de horror ela deve ter visto naquele hospital. Tamanha dor e sofrimento dela mesma, e de outras crianças ela viu.

— Acredita que agora você me deixou pensativa, menina? - comentou Maria, após alguns minutos em silêncio, enquanto todas digeriam o relato. — Eu me peguei me perguntando aqui agora, o quanto a minha mãe deve ter sofrido. A gente sempre pensa assim, 'nossa, essa criança sofreu muito'. Mas, e a minha mãe? Fico pensando na dor que ela sentiu em ter que deixar uma filha internada, em estar distante de mim. O que será que ela sentiu? - perguntou, falando mais para si mesma do que para a jornalista. — Bom, pelo menos, ela nunca falou nada para mim. Ela faleceu sem nunca ter me falado o quanto achou ruim.

Maria olhou para a neta e a abraçou. De repente, Eloisa se sentiu como uma intrusa em um momento tão íntimo. Que

preciosidade era ouvir a história íntima de alguém, as suas vivências e lembranças. Às vezes, o Jornalismo é sobre isso: não invadir a intimidade de alguém, mas pedir com respeito, com "jeitinho". Ir se aproximando aos poucos, mostrando que se é confiável. E, então, de forma fidedigna, ouvir e compartilhar a história de outrem.

— Eu fico pensando, sabe, Eloisa. Semana passada a Carol estava lá, em Uberlândia, sua cidade também. Hoje, a gente só se vê a cada 20 dias. O que a minha mãe deve ter passado, estando um ano longe de mim? - disse Maria. Apesar da forte indagação, a mulher se mostrava resoluta. Não chorara, não se mostrava triste. A jovem não sabia dizer se aquilo era uma força surpreendente, ou uma maturidade emocional que a permitia relembrar do passado, sem se quebrar. — Mas é isso, só um desabafo mesmo.

Eloisa sorriu. Qualquer desabafo era bem-vindo, por mais doloroso que fosse.

— Se você me permite, gostaria de perguntar sobre a época em que você perdeu sua mãe.

— Ah, menina, eu tinha 11 anos quando ela morreu. Mas, antes disso, acho que devo voltar um pouquinho no tempo. - começou Maria — Quando eu voltei da minha internação para Araxá, minha mãe me colocou na escola um tempo depois. Mas eu estudei por pouco tempo. Eu estudei só o ano de 1977 e metade de 1978, que foi o ano que a minha mãe morreu, no mês de agosto. E, infelizmente, eu saí da escola para ser mãe dos meus irmãos. Nós éramos seis meninas e seis meninos. Só que as meninas eram mais novas do que eu, só duas que eram mais velhas, mas uma já estava casada e a outra estava casando. Então, sobrou para mim. Tanto que, hoje, eu tenho irmãos que a referência de mãe que eles têm sou eu. Porque quem cuidava da casa e deles, enquanto meu pai trabalhava, era eu.

— E o seu pai? Ele sofreu muito com a perda da esposa? - perguntou a jornalista.

— Ele sofreu sim. Tanto que nunca se casou novamente. Às vezes penso que ele tinha medo de colocar uma pessoa ruim nas nossas vidas. Mas, se ele tivesse tido o privilégio de se casar novamente, penso que não teria sofrido tanto - respondeu.

Já estava ficando tarde. Eloisa olhou para o relógio em seu pulso e já eram quase 18h, ela mal podia acreditar que passaram tanto tempo conversando, apesar que sentia que ainda havia muito a falar. Carol se levantou da mesa, interrompendo a conversa por um momento, para se despedir da amiga. Ela saiu da casa rumo a um compromisso. Então, a jornalista e Maria voltaram a conversar.

— Bom, Eloisa, penso eu que as coisas hoje são muito diferentes - continuou Maria — Eu vejo como um privilégio, mas hoje os meus netos vão no mercado e os pais podem comprar tudo que eles querem. Na minha infância, às vezes tínhamos que dividir um pão entre três a quatro irmãos. Quando eu tinha 17 anos, sem instrução alguma, eu engravidei solteira. E aí me tornei "mãe solteira", além de cuidar dos meus irmãos. E aí vieram lutas, veio glória. Aí, sim, eu tive que trabalhar. Antes eu já trabalhava na condição de dona de casa, mas agora precisava trabalhar fora também. Porque o meu pai não tinha condições de manter a nós todos. Eu era muito nova, tanto que fui avó da Carol aos 36 anos.

Eloisa estava anotando tudo naquele momento. Ela sabia que a conversa tinha sido muito rica, mas que precisava fazer uma pergunta crucial antes de ir embora. Era a pergunta que mais temia, mas que achava importante de se fazer:

— Você considera que teve uma infância, que teve tempo para ser criança?

— Ah, sabe, Eloisa, por um período da minha infância eu estive debilitada, porque eu estava fazendo este tratamento após o meu acidente. Aí, depois, eu fui ser mãe dos meus irmãos. Então eu considero, assim, que eu nem tive uma infância, né? Para falar a

verdade, eu sei que foi uma infância. Minha família era muito unida e somos assim até hoje. Mas, eu tive que me tornar responsável muito cedo pela minha família, pela minha casa e tudo mais. O que eu acho que foi mais sofrido pra mim foi isso, eu não sabia nada sobre como cuidar de um lar.

— E como era a sua casa? Você tem boas lembranças sobre ela? - perguntou Eloisa.

— A casa na qual eu morava e criei os meus filhos, que não é esta que moro hoje, era muito rústica, e é até hoje. Ela não tem laje e nem forro. É uma das casas mais antigas da rua, acho que foi construída na década de 1970, e não mudou quase nada de lá para cá. Eu tenho uma irmã que ainda mora lá. - disse Maria. — Mas eu tenho muitas boas lembranças sobre aquela casa. Ela foi o nosso lar e às vezes fico contando histórias para a família sobre quando moramos lá. A gente era feliz e não sabia. Apesar de tudo, Eloisa, eu te digo que tive uma infância sim. A gente era feliz. - repetiu, finalizando.

A jornalista sorriu. O relógio marcava 18h23 e Eloisa tinha marcado de pegar às chaves com a dona do Airbnb às 18h30. No dia seguinte, iria embora, depois que fizesse um tour pelas partes históricas da cidade com a Carol, insistência da própria amiga. Antes que pudesse agradecer Maria e se despedir, seu celular começou a tocar. Eram seus primos Ana Luísa e Matheus, de 5 e 7 anos.

— Me perdoa, Maria, são meus primos pequenos me ligando! Eles roubam o celular da minha tia para me ligar quando querem - ela riu. — Vou desligar.

— Não, minha querida! Não me importo de você atender a chamada. Falar com a família é sempre muito precioso. - Maria disse com um sorriso acolhedor. — Eu me despeço de você abençoando a sua vida. Muito obrigada por me ouvir.

Eloisa se emocionou, mas se conteve. Afinal, estava em uma visita profissional. Mas um abraço não faria mal, então se levantou e abraçou Maria. A mulher recebeu o gesto com carinho. Lá fora, o sol já se punha e dava lugar para um céu estrelado. De repente, os netos pequenos da mulher, que antes brincavam no quintal, entraram na cozinha reclamando de fome.

— Eu que agradeço por me receber, Maria. Ouvir sua história é algo muito precioso para mim. A Carol, foi muito gentil em nos apresentar! - disse Eloisa. — Agora, preciso correr para o Airbnb onde vou dormir e atender esses pestinhas que estão me ligando.

— Vai com Deus, menina. E passe amanhã aqui, antes de ir embora. Vou alimentar esses pequenos. - disse Maria.

A jovem saiu às pressas da casa. Tinha ouvido tanta coisa, conhecido ainda mais aquela mulher fascinante. De certa forma, sentia que tinha uma intimidade com Maria, após ela lhe confidenciar tantas histórias sobre sua infância. Com certeza, ainda havia muitas outras dúvidas na cabeça da jornalista. Outros relatos de Maria que ainda não tinha ouvido. Bom, acho que existem algumas histórias que devemos manter somente para nós mesmos, pensou a jornalista. Nem toda história pode ser contada. Mas, esta, sobre a infância da Maria, é uma que com certeza merece ser lida!

*Eu me amo pouco. E quando amo, amo demais o outro. Me entrego dobrado, como se eu não fossse suficiente sozinho.*

# Em meio à festa, uma revelação

*Giulia Brandolezi*

Como era de se esperar, o grupo de amigos se juntou como faziam todo o final de semana para conversarem sobre a vida. Neste final de semana, decidiram se reunir na casa de Juliana. Cada um levou algo para compartilhar: bebidas, drogas, risos e histórias. Acreditavam que não poderiam aproveitar sem a ajuda de alguma substância que potencializasse o prazer. Um levou vodka e maconha; o outro decidiu levar LSD, êxtase e vinho barato; e assim foram . Na casa de Juliana, já esperavam o Velho Barreiro, a 51, e o cheiro costumeiro de cigarro, sempre presente no quintal. Todos os finais de semana, eles se reúnem em um local diferente, sejam bares, chácaras, raves, baladas, tabacarias ou, simplesmente, na casa de algum deles para ficarem bêbados conversando sobre a vida.

Nesta noite, Gabriel parecia particularmente desconectado. Estava ali calado, jogado num canto do sofá. Era perceptível que ele estava incomodado, parecendo que a qualquer momento poderia levantar e ir embora por não se sentir à vontade. Essa postura era muito diferente dos outros finais de semana, quando costumava ser o mais animado do ambiente. Havia algo em seus olhos que deixava evidente que ele não estava bem. Os amigos logo notaram que ele estava estranho, mas não conseguiam entender o que poderia ser, já que todos estavam curtindo e rindo antes de ir para a festa. Até que

um dos amigos mais próximos decidiu se aproximar e questionar Gabriel sobre o que o incomodava :

— E aí, Gabriel, está tudo certo? - perguntou o amigo.

Ele hesitou. Olhou para os copos espalhados, para as risadas, e respondeu baixo:

— Eu não estou me sentindo bem, parece que estou incomodando, não me sinto bem vindo entre meus amigos. Parece que não é meu lugar.

Aquele grupo de amigos, que o acolhia todos os finais de semana, estranhou. Afinal, Gabriel sempre foi um dos mais queridos e considerado a melhor companhia em qualquer ambiente. Eles faziam questão de convidá-lo para qualquer ocasião. Mas ali, naquele esquenta pré-festa, o olhar dele pesava. Os amigos decidiram questioná-lo, pois não era a primeira vez que percebiam que ele se sentia um tanto perdido e inadequado, não só nesse grupo, em particular, mas diante de outras pessoas próximas. Além disso, ele sempre reclamava que seus relacionamentos não estavam dando certo, e também do fato de não se sentir bem consigo mesmo..

— Por que você está sentindo isso? Aconteceu alguma coisa? - insistiu o amigo.

Gabriel respirou fundo. O barulho da música eletrônica, do Alok, preenchia o ambiente, mas Gabriel mergulhou em silêncio revivendo as lembranças da sua infância. Naquele momento, o clima na casa de Juliana começou a ficar muito pesado, pois Gabriel parou para refletir sobre sua infância e como alguns acontecimentos que foram tão marcantes trouxeram consequências e moldaram sua personalidade, gerando comportamentos agressivos e distúrbios psicológicos.

Ele contou que seus pais se separaram quando ele tinha apenas um ano de vida. Eles brigavam muito por conta do rumo que a vida de seu irmão mais velho, Ricardo, acabou tomando. Desde

muito cedo, ele se envolveu com drogas pesadas como crack, e seu pai, Cristiano, culpava a esposa, Roseli, por Ricardo ter se viciado em drogas. Depois do divórcio, Gabriel, sua mãe e o irmão mais novo, Roberto, passaram a morar com os avós maternos.

Seu pai era uma pessoa violenta, e suas memórias de infância eram em torno dele batendo na mãe e em outras pessoas com quem se relacionou, quebrando móveis e objetos da casa e gritando com os familiares. Mesmo sem perceber, o comportamento problemático do pai se tornou o seu maior exemplo de masculinidade: um homem deve impor respeito através do medo. Mesmo divorciados, a relação dos pais de Gabriel continuava péssima, com brigas constantes por causa de pensão e diferenças de pensamento em relação à criação dos filhos.

Na casa dos avós, o ambiente também não era acolhedor. O lugar era muito frequentado por tios, primos e outros parentes que não gostavam do fato dos avós terem os acolhido. Os tios sempre faziam questão de deixar claro que eram contra o fato dos avós "passarem a mão na cabeça" deles, pois, na visão dos tios, eles eram "três vagabundos e deveriam se virar sozinhos". Os tios brigavam e afirmavam que era um absurdo os avós ajudarem e gastarem tempo com "duas crianças problemáticas e uma mãe solteira, que tinha um filho de cada homem diferente".

Gabriel cresceu ouvindo que era um peso para sua própria família, que dava trabalho demais, que não era bem-vindo ali… Desde criança, sempre teve uma relação muito ruim com o avô, um homem mais velho com valores morais e pensamentos extremamente rígidos. O avô sempre achou que tanto ele, quanto a mãe e os irmãos tinham que agir e falar de determinada forma, seguindo o que ele impunha dentro de sua própria casa. Eles brigavam com frequência por conta das diferenças de geração e de visão de mundo.

Gabriel, por ter um temperamento mais combativo, insistia em certos comportamentos de propósito para irritar e provocar o avô, como quebrar vasos, abajures, porta-retratos e outros itens de decoração da casa. O garoto queria expressar sua identidade "rebelde" pintando o cabelo, usando roupas diferentes ou mesmo fazendo tatuagens. E a cada novo ato, o avô repetia que "aquilo era coisa de vagabundo". A convivência era marcada por uma guerra silenciosa e, às vezes, um tanto barulhenta.

Muitos desses comportamentos eram espelhados pelas atitudes agressivas do pai. A mãe, Roseli, ausente devido ao trabalho em dois empregos (vendedora de dia e cuidadora de idosos à noite), mal sabia o que acontecia. Gabriel, assim como os irmãos, cresceu sem ter muito contato com a mãe e não tinha como recorrer a ela quando sofria algum tipo de abuso físico do pai ou quando acabava brigando com os avós. A mãe tentava apoiar ao máximo todas as ideias e sonhos dos filhos, mas não tinha dinheiro, nem condições de estar presente o suficiente para protegê-los em algumas situações que as crianças precisavam dos pais por perto.

Os amigos que estavam ali para ouvi-lo ficaram sem reação e não sabiam o que dizer para confortá-lo. Gabriel disse que havia um detalhe amargo: ele se recusava a comer a comida que seus próprios avós faziam, pelo fato de não gostar do gosto, da textura ou do tempero. Ele desabafou dizendo que nunca chegou a comentar com os avós nem com a mãe que não gostava do arroz, feijão e a carne de todas as refeições, apenas não comia, o que era mais um motivo para o avô vê-lo como ingrato e um problema.

Além disso, a ausência da mãe, as agressões do pai e o descaso emocional dos avós criaram um vazio que Gabriel preenchia com fantasias. Ele passava muito tempo sozinho. Às vezes até brincava com seu irmão mais novo, mas na maior parte do tempo gastava sua energia brincando sozinho com sua própria imaginação.

Criava o universo de Harry Potter, com histórias onde ele era o herói e precisava salvar o mundo; jogava futebol com uma bola imaginária, muitas vezes usando apenas sua criatividade. A imaginação era o seu único refúgio.

A relação com o avô foi piorando tanto que quando tinha 9 anos Gabriel foi expulso da casa. Ele era muito "custoso" e "dava muito trabalho" à família por ser uma criança extremamente revoltada. Em uma dessas discussões com o avô, o menino acabou quebrando alguns objetos de decoração e um porta-retrato com uma foto de família. O avô, profundamente irritado, deu um fim ao período de acolhimento do neto. Por não ter para onde ir, ele teve que ir morar com o pai, Cristiano, na casa da avó paterna. Nesse período, Gabriel perdeu totalmente o contato com a mãe, pois o pai fazia questão de afastá-los. Ele deixava claro que não queria que o filho conversasse ou a visse.

O pai também era contra tudo o que Gabriel demonstrava interesse em fazer. Quando o menino quis ter aulas de violão e pintura, por exemplo, ele dizia que era desperdício de dinheiro. Além disso, ele queria tirar Gabriel da guarda da mãe, pois acreditava que ela não sabia cuidar de um filho e insistia em a culpar pelos problemas com drogas enfrentados pelo irmão mais velho do garoto.

— Mas o que aconteceu com seus irmãos para o seu pai culpar sua mãe dessa maneira? - questiona o amigo.

Gabriel conta que tem três irmãos mais velhos e um mais novo: uma irmã por parte de pai e três irmãos por parte de mãe. Os irmãos mais velhos moravam em outra cidade. O único irmão com quem tinha contato até se mudar para a casa da avó paterna era seu irmão mais novo, Lucas. Mesmo sendo mais novo, o garoto acabou entrando no mundo das drogas mais cedo, fumando maconha desde os nove anos e tentando incentivar Gabriel a utilizar a substância também. Seus irmãos mais velhos, Heitor e Ricar-

do, também usavam drogas, só que mais pesadas. Assim, desde muito novo, Gabriel conta que foi incentivado a utilizar também, pois estava cercado de familiares que faziam uso contínuo de substâncias ilícitas. O pai culpava a mãe por esse comportamento generalizado entre os filhos.

Por ter muito medo do pai, na época em que morou com ele e sua avó paterna, Gabriel se alimentava melhor e ia às aulas, mas vivia a dor de não ter contato algum com a mãe. As principais recordações de Gabriel dessa época eram as brigas entre o pai e a madrasta. O pai chegou a bater na madrasta mais de uma vez, e ela falava mal de sua mãe sempre que podia, o que era uma situação muito ruim para ele, pois relembra que era apenas uma criança ouvindo coisas absurdas sobre sua mãe de uma pessoa de fora da sua família. Gabriel tinha muito medo do pai, pois em diversas situações de briga, ele não só batia na madrasta, como também dava murros no próprio filho.

— Parecia uma pessoa descontrolada, eu ficava com medo de ser o próximo. Por isso, eu passei a me comportar melhor. - relembra Gabriel, com medo no olhar.

A mãe, por sempre estar trabalhando, não sabia da forma como o pai o tratava. Quando Gabriel contava para ela algum desses episódios, ela brigava com o pai, e os dois discutiam de forma extremamente agressiva. Isso era algo que ele sempre tentava evitar pelo medo do pai fazer algo com sua mãe.

O garoto conta que, desde que se entende por gente, sempre foi o jeito dele ser uma pessoa extremamente rebelde, que fazia certas coisas como gritar, quebrar objetos de casa ou até xingar de propósito, justamente para provocar as pessoas próximas e chamar atenção. Era uma rebeldia, porque ele "simplesmente era assim", e era um comportamento que via muito dentro de sua própria casa com seu pai. Desde os 7 anos, ele já tinha esse compor-

tamento agressivo e costumava quebrar as coisas da casa para descontar sua raiva.

Aos 16 anos, Gabriel teve seu primeiro contato com álcool e drogas. Ele desabafa com os amigos que só queria se enturmar, e todas as pessoas da turma dele usavam alguns tipos de droga, como maconha e cocaína, e bebiam álcool. Ele não queria se sentir excluído, porque a vida já era ruim o suficiente em casa para não ter refúgio entre os amigos. Ele vinha de uma família pobre e tinha vergonha de falar sobre isso com as pessoas. Por isso, além de ocultar sua história e contar outra totalmente diferente para todos, também tinha alguns comportamentos destrutivos influenciados pelos amigos. Movido pelo desejo de ser aceito e acolhido, aos 16 anos, ele começou a fumar maconha, cheirar cocaína e tomar bebidas alcoólicas.

— Eu tentava me controlar, porque não queria ficar viciado como meu irmão, mas, ao mesmo tempo, tinha medo de não me enturmar com os meninos da minha sala. - admite Gabriel.

Na mesma época, ele fez sua primeira tatuagem (uma mulher de costas na barriga) e colocou seu primeiro piercing. Nesse período, Gabriel estava no ensino médio e o pai Cristiano proibiu integralmente o contato com a mãe. Por não conseguir ver o filho, em um determinado dia, Roseli apareceu na escola em que ele estudava, "sequestrou" o garoto e o levou embora de volta para a casa dos avós maternos, sem o conhecimento do pai. A mãe tentou escondê-lo e fugir com ele para que pudesse ter contato com o menino e, ao mesmo tempo, não ter que brigar diretamente com o pai.

Todos que estavam na roda ficaram extremamente inconformados e chocados com o que Gabriel estava contando. Mas ele disse que uma das situações mais marcantes da sua adolescência foi no dia em que seus pais ficaram puxando-o um para um lado e outro para o outro, "como cenas de filme". A mãe não queria que o garoto ficasse com o pai porque, além de bater nele sem motivo, tam-

bém influenciava comportamentos agressivos. E o pai não queria que ele ficasse com a mãe, pelo fato dela não ter condições de dar atenção para o filho, além de os outros irmãos já terem se envolvido com drogas extremamente pesadas.

Todos os amigos da roda o encaravam sem dizer uma palavra. Gabriel prosseguiu contando que todas essas situações que ele viveu no passado, quando era criança, influenciaram muito seu comportamento e a maneira como ele passou a enxergar a si mesmo e ao mundo. Desde criança, seus tios sempre o levaram a acreditar que ele era um peso e um incômodo para os avós. Então, independente do lugar onde ele está, com quem está, ele se vê como um peso e um incômodo para as pessoas, sentindo-se mal. Ele também afirma que a relação com seu avô era extremamente difícil e que não existia comunicação entre os dois, porque além de o avô ser surdo e não conseguir ouvir, apenas fazer leitura labial, ele também tinha muitos costumes que não admitia que as pessoas dentro daquela casa não seguissem. Toda essa situação desencadeou ansiedade e depressão no garoto.

Além disso, ele se sente muito mal por ter muitos comportamentos agressivos que foram influenciados pelo pai. Gabriel conta que em uma de suas relações amorosas, teve uma briga com a namorada e acabou esmurrando o armário do quarto para não bater na menina, o que ocasionou o término do relacionamento. Ele desaba e afirma que se arrepende muito dessa atitude e que não é mais assim, mas que durante toda sua vida, muitas coisas que viveu na infância influenciaram e moldaram a pessoa que ele é hoje.

— Você já pensou em procurar um profissional para falar sobre essas questões? - questiona o amigo

Gabriel diz que chegou a ir em uma psicóloga para cuidar de suas questões mentais e tentar amenizar o que sentia desde criança

por volta dos 17, 18 anos. Tomava medicação para ansiedade e depressão, além de um estabilizador de humor, e por vezes, misturava medicação com drogas e álcool.

Gabriel complementou dizendo que hoje em dia se acha muito parecido com seu pai e tem vergonha de contar para as pessoas sobre sua vida, porque se compara muito com os outros e que perto da vida das outras pessoas, a dele é "uma merda".

— Eu me amo pouco. E quando amo, amo demais o outro. Me entrego dobrado, como se eu não fosse suficiente sozinho - disse ele aos amigos, com os olhos marejados.

O grupo, até então silencioso, ouvia em choque. Ninguém imaginava o que Gabriel escondia por trás do sorriso amarelo do fim de semana. Ninguém sabia que, enquanto todos brindavam, ele carregava nos ombros uma história de dor.

— Eu tenho tentado mudar. Tenho tentado me cuidar. Mas é difícil. Às vezes, eu olho no espelho e vejo o meu pai. E isso me destrói.

Um silêncio mais pesado que a música se instalou. Alguns amigos tentaram o consolar com palavras. Outros, apenas colocaram a mão no ombro dele. Não havia muito o que dizer. Mas, ali, todos entenderam que aquele desconforto de Gabriel era muito mais antigo do que aquela noite. Ele era o resultado de uma infância cheia de ausências, abusos, julgamentos e silêncios. Tudo isso o moldou. Tudo isso o transformou na pessoa que era: alguém que luta para não repetir a dor que viveu.

Foi então que o interfone tocou, era o entregador com a pizza que haviam pedido. O assunto foi encerrado ali, sem conclusão, nem julgamento. Todos se levantaram, juntaram dinheiro para pagar a pizza e foram comer. E Gabriel voltou a colocar as suas dores dentro de uma caixa, na esperança de que as pessoas esquecessem esse relato ou o colocasse na conta de uma "viagem ruim".

*Lembro de me aproximar da panela e minha mãe à mesa fala:*
*"Se você colocar mais, alguém na mesa vai ficar sem comer".*

# Ká Poeira

*Gabriel Ferreira*

Naquela noite de terça-feira, o relógio parecia correr mais depressa, e Samuel tinha um prazo bastante apertado para chegar à sua primeira aula de capoeira. Chegar atrasado não causaria uma boa primeira impressão ao professor. Vestiu-se às pressas, separou a calça cinza, uma camiseta regata branca e os chinelos Havaianas azuis. A ansiedade fez com que corresse na frente da mãe, ao avistar à sede do "Graça do Aché". A uma rua de distância, já conseguia ouvir as primeiras notas do berimbau. O som ecoava rua afora, e a sonoridade o fez arrepiar assim que o agudo alcançou seus ouvidos.

Faltava um minuto para o início da aula e, em um piscar de olhos, ele entrou pelo acesso principal. Por ser um ambiente novo, cada passo dentro do local representava uma nova experiência. A arquitetura circular da entrada, com cores vibrantes, e o amarelo das paredes, fazia-o lembrar de um tradicional queijo mineiro. Enquanto seguia pelo corredor de onde vinham os sons, observava as paredes cobertas por diversas imagens de orixás, do chão ao teto. Ele contemplava com admiração a mistura de cores.

A cada passo dentro do corredor, o som tornava-se mais intenso. O berimbau juntava-se ao pandeiro, criando uma harmonia em que um parecia perguntar e o outro responder. Unindo-se à rít-

mica, as palmas marcavam o ritmo do jogo. Ao fundo, o professor Daniel começava a entoar as primeiras palavras da música.

— Paranaue, Paranaue, Paranaue, Pará. Agora todos cantem - dizia o professor.

— Paranaue, Paranaue, Paranaue, Pará - respondiam os alunos.

Samuel juntou-se à roda de maneira ainda tímida e um tanto quanto dessincronizada com o ritmo das palmas. Até que, ao comando do professor Daniel, uma dupla se formou à sua frente, acompanhada por um toque mais acelerado no instrumento. Começou então a luta entre os dois. Para Samuel, tudo parecia tão diferente: uma luta sem contato, com movimentos aéreos, em que música comandava cada passo dos jogadores e da roda.

Ele tomou coragem e pediu para entrar, mesmo sem saber nenhum movimento. Tentou espelhar os gestos do adversário, mas, sem êxito, começou a desanimar. O professor o incentivou a continuar, mas, ao perceber que o jogo não seguiria, decidiu encerrar a roda. Pediu então que todos os alunos formassem uma fileira para treinar alguns golpes.

Foram passados movimentos educativos, fragmentando cada movimento em etapas. O professor, atento, aproximou-se individualmente de cada aluno para observar. Quando chegou a vez de Samuel, ele tentou realizar os movimentos com rapidez, mas o professor insistiu para que os fizesse devagar.

— Oh meu rei, quanto mais tranquilo você pegar os movimentos mais rápido você aprende - explicava o professor

— Está muito difícil fazer isso, sinto que eu não consigo - dizia Samuel

Alguns minutos após a prática dos golpes, o professor Daniel propôs outra série de movimentos, agora voltados para a flexibilidade. Aos 33 anos, o professor se destacava fisicamente pela sua altura

e cabelo volumoso. Ao seu lado, sempre presente, estava o companheiro de longa data: o berimbau vermelho, que costumava segurar do lado esquerdo do corpo. Com a voz, conduzia os movimentos; com a haste do instrumento, guiava os gestos dos alunos.

Ao observar atentamente o menino iniciante, identificou-se com suas semelhanças e dificuldades nos primeiros passos dentro da roda. Passados alguns minutos, convocou todos para formarem uma nova roda, desta vez, para uma conversa sobre o que haviam aprendido. Ele começou a falar sobre como a geração dos alunos estava cada vez mais focada nas telas e se afastando da realidade, deixando de perceber o valor das oportunidades que tinham diante de si.

Os alunos estavam atentos às palavras do professor. Nem todos compreendiam por completo o que ele dizia. As diferentes idades presentes na roda faziam com que muitos ainda não entendessem a profundidade daquelas reflexões.

O professor reforça a importância deles aproveitarem o privilégio de estarem ali. "Nem toda criança tem esse acesso", completa o professor. De súbito, Samuel, posicionado perto de uma das paredes laterais, ergue a  mão e pergunta:

— Professor, como era a sua infância? - pergunta Samuel

— Então meu rei é uma longa história!

O professor nasceu em 1992, em um lar ao mesmo tempo que era cercado pelos parentes ao longo do seu crescimento sentia um afastamento. O abandono parental era visível antes mesmo do seu nascimento e, como acontece com parte da população, essa ausência também se refletiu em seus documentos. Mas, além do papel, essa perda marcou sua personalidade. Com poucas figuras paternas em quem pudesse se espelhar, agarrou-se aos laços que construiu com o avô, um senhor rígido, mas que, em sua visão, era extremamente sábio e o maior provedor da casa.

A casa onde morava era pequena e compartilhada com os avós, a mãe e uma tia. Com o cimento ainda batido e localizado no fundo de um terreno, foi ali que Daniel passou grande parte da infância. Mas, mesmo vivendo em uma casa cheia para os padrões comuns, ele ainda sentia um vazio. Aos nove anos, começou a compreender certas relações e a perceber um distanciamento por parte da mãe. Ela dizia que ele aprontava demais, que não queria saber de escola e que passava tempo demais na rua.

Além da discordância com a religião cristã, ele nutria um sentimento de isolamento em relação à mãe. Embora estivessem sempre juntos, dormindo até no mesmo quarto, com o passar do tempo, esse distanciamento tornava-se cada vez mais evidente. Até aquele momento, ele não havia reconhecido nenhum gesto de afeto por parte de seus familiares.

— Mas não tinha ninguém a que você se identificasse mais? - interrompe Samuel.

— Com toda certeza foi meu avô que passava horas juntos. Ele me ensinou diversas coisas do que é ser um homem.

Além de conviver com ele na mesma casa, seu avô o levava para a escola. Aos 9 anos, Daniel começou a acompanhá-lo também no seu trabalho. Grande parte do dinheiro que sustentava a casa vinha dos serviços prestados pelo menino, juntamente com o avô. Era um serviço pesado, carregando pedras de um lado para o outro. Como forma de motivá-lo, o avô costumava lhe dar, ao final da semana, cinco reais, para poder comprar algum doce ou salgado, já que esse tipo de alimento era considerado um luxo em sua casa.

Antes mesmo de o galo cantar, Daniel já havia se levantado. Depressa, arrumava-se para ir à escola. Às vezes, o barulho da fome era mais alto do que seus pensamentos. Ele tentava ver se havia algo no armário e, por vezes, era apenas um pão velho já dormido, que era o que tinham acesso por ser mais barato.

Então, dirigia-se à escola acompanhado por seu avô e por lá ficava durante horas estudando. Ao chegar à sala, esforçava-se para prestar atenção na aula, mas os cálculos não lhe entravam na mente. E, com o sinal do final do período batendo, sabia que estaria novamente com o avô.

Na construção, o ambiente era seco e empoeirado. Era comum que a poeira cobrisse seu corpo dos pés à cabeça. O sol ardente da tarde, combinado com a secura do lugar, intensificava o calor. Neto e avô se esgueiravam entre as sombras dos andaimes para aliviar a sensação, mas não era uma tarefa nada fácil.

Além disso, suas mãos escureciam com o cimento seco e, quem diria que, para remover toda aquela sujeira, seria necessário um banho ou até dois. Quando o sol começava finalmente a baixar, era um sinal claro de que se aproximava a hora de voltar para casa. E, graças a Deus, aquela tarde era uma sexta-feira, o dia em que o dinheiro prometido chegaria. Então, ele poderia comprar a comida que via os colegas levarem para a escola.

— Pode parecer pouco, mas na época fazia uma diferença esse dinheiro. Era o suficiente para eu comprar um doce ou salgado que não tinha acesso na época. Além da profissão, meu avô me ensinou bastante coisa - relembrou.

— O que, por exemplo, professor?

— Entender a minha responsabilidade e também aprender a dividir com os outros o que temos.

Ainda nessa rotina da obra, ao chegar na hora do almoço, ele e o avô dividiam as marmitas: um ficava com o macarrão e o outro com o arroz. Com esse ensinamento orgânico, começava a aprender a dividir. Mais uma vez, carregava brita e arrastava a tábua para que apenas o avô a colocasse no andaime. Era um serviço pesado, ainda mais para sua idade. Tentava ajudar o avô de diversas maneiras: puxando um balde de brita ou entregando as ferramentas: colher, espátula, lixa, entre tantas outras.

O trabalho fazia parte do seu cotidiano, e ele tentava conciliar tudo com a vida, quase como um pequeno adulto. Brincar era algo que lembrava apenas por relances; o máximo que fazia era sair para a rua, já no início da noite, tentando se juntar às outras crianças para brincar. Mas logo a mãe o chamava aos gritos, mandando que entrasse em casa para se lavar e dormir.

— Mas, professor, por que o senhor teve que trabalhar tão cedo?

Daniel explicou que, naquela época, grande parte da renda da família vinha dos trabalhos do avô, um pedreiro clássico, que batalhava dia após dia com afinco para sustentar a casa. Sua presença na obra era como uma mão extra, além de lhe permitir receber uma pequena parte pelo esforço. Mas, mesmo com o trabalho constante, nem sempre a conta fechava no fim do mês. Aos poucos, Daniel via o armário se esvaziando.

A sensação era tremenda, um sentimento constante de falta, a incerteza sobre se, no dia seguinte, haveria algo para comer. No mês em que os serviços não vingavam, a despensa se esvaziava cada vez mais. Escolhas difíceis tinham que ser tomadas, como a comida contada e medida com precisão.

Sua avó dividia a comida em partes iguais, usando a concha da colher, para que todos pudessem comer um pouco. Daniel se lembrou bem de uma dessas divisões, quando desejava comer mais, e se dirigiu até a panela. No caminho, o barulho do seu estômago era quase mais alto que seus próprios pensamentos.

— Lembro de me aproximar da panela e minha mãe à mesa falar: 'Se você colocar mais, alguém na mesa vai ficar sem comer'.

Então, ele devolveu a colher à panela e voltou para a mesa, ainda com fome. Em poucos minutos, preparou-se para dormir. A família passou a economizar em tudo. Tentavam sempre encontrar o melhor preço para os alimentos. Em situações mais específicas, como na compra de pães, optaram pelos adormecidos, que eram

mais baratos. Por estarem extremamente duros, sua avó preparava o que chamava de "sopa de pão".

Daniel lembrou-se dessa cena, uma panela alta, com seu interior quase completamente cheio de leite e partes de pão cortadas espalhadas dentro dela. Ao caminhar em direção à cozinha, o cheiro de leite tomava conta do ambiente. O café da manhã estava quase pronto, e logo ele teria que se arrumar para ir à escola. De tantas vezes que essa comida se repetiu, por falta de condições, ele começou a não gostar mais do cheiro de leite.

Mas não era apenas na alimentação que se manifestavam as dificuldades de sua infância. Outro fator muito presente era a falta de bens. Ele não se recordava de nenhum brinquedo que tivesse naquela época; seu maior entretenimento era uma bola do vizinho ou a pequena televisão no quarto dos avós. Posicionava-se entre os umbrais do quarto que dividia com a mãe para tentar ver o que se passava na televisão.

— Professor, como você era na escola? - pergunta Samuel.

O professor confessou que talvez não fosse o mais dedicado, embora prestasse atenção nas aulas. Mesmo assim, conseguiu passar pelo Ensino Fundamental, embora em um ano ou outro ficasse dependente de algumas matérias, na maioria das vezes, das disciplinas exatas. Os cálculos eram complexos, não conseguia entender os tais catetos e cossenos. Os semestres iam passando e as notas não melhoravam. E a motivação para continuar, pouco a pouco, começou a se distanciar.

Já na antiga oitava série, perto dos 14 anos, ele percebeu que não se encaixava mais na escola. Então, um de seus tios o levou para "bater enxada", já que, em sua visão, se ele não queria estudar, não poderia ser vagabundo. Assim, começou a trabalhar com topografia em fazendas próximas à cidade de Uberlândia, Minas Gerais. Esses trabalhos eram realizados durante o período de seca, considerado o mais propício para os cuidados com o solo.

Ao contar para as crianças, durante a roda, Daniel relembrou que o chão arado, a cada passo que dava, desmoronava, o que tornava cada movimento mais difícil. Devido às longas exposições ao sol, usava roupas compridas e uma camiseta preta com um símbolo emborrachado nas costas. Ele contou que, com a elevação do sol, aumentava a temperatura dentro daquela curva de nível. O abafamento causado pela roupa só aumentava, a ponto de sentir que o logo em sua camiseta estava prestes a derreter. As partes do corpo expostas, mesmo com toda a proteção, ainda ardiam ao fim do dia, devido às queimaduras do sol.

Mas não eram apenas as questões físicas que tornavam tudo pesado. As relações interpessoais com os outros trabalhadores também eram difíceis. Ao menor erro, era xingado pelos colegas mais experientes. Ele era menor que os adultos ao seu redor, tinha, aproximadamente, um 1,50 m de altura. Era bem esguio, com uma estrutura corporal considerada estranha por muitos, e ainda estava no início da aprendizagem daquele novo trabalho.

A matéria com a qual sempre tivera mais dificuldade foi aplicada diretamente, na prática. A dificuldade com os cálculos era constante, ele teve que se adaptar, decorando ângulos e graus para conseguir se encaixar nas tarefas. Por outro lado, havia um aspecto positivo, o valor que recebia por dia era maior do que em outros trabalhos. Para a época, os 40 reais diários representavam uma quantia significativa, não apenas para ele, mas também para sua família.

— O que você fazia com o dinheiro, professor?

— Meu rei, eu fiz um pouco de tudo, esse valor era além de tudo o que eu já tinha ganhado.

Com essa quantia, Daniel começou a ter acesso a coisas que antes pareciam distantes. Ainda com 14 anos, começou a fazer aulas de capoeira. O mesmo local onde dá aulas hoje, foi onde tudo

começou. Era o momento livre do dia em que conseguia desconectar da rotina. Cada movimento, cada ação era como uma pequena vitória, um lembrete de uma infância que, no início, ele não pôde viver plenamente.

Além de ajudar em casa, tinha um sonho: comprar uma peça de roupa. Não era uma peça de roupa qualquer, mas o seu primeiro uniforme de capoeira. Queria estar igual aos demais colegas da turma e finalmente conseguiu.

Por mais que o sol fosse escaldante, ele sabia que, em cerca de uma semana, teria provavelmente o dinheiro necessário para comprar calça, camiseta e uma corda. Juntos, os itens custavam 180 reais. De todo o dinheiro que ganhava nas idas às fazendas, reservava uma parte exclusivamente para esse uniforme. A meta era clara, e cada peça tinha características muito específicas: a calça era branca, com faixas laterais em roxo e verde, e a inscrição "Capoeira Angola"; a corda simbolizava a passagem de nível na capoeira; e a camiseta seguia a mesma padronagem.

Ao final de algumas semanas, ele finalmente conseguiu juntar o valor necessário. Com o dinheiro em mãos, pôde finalmente comprar. Dirigiu-se ao professor e pediu o uniforme. Após alguns minutos de espera, ele chegou. Envolto em um saco plástico, o uniforme despertou tanta ansiedade que o desembrulhar com calma parecia impossível. Ele rasgou o plástico e ficou por alguns instantes apenas admirando a roupa, antes mesmo de vesti-la. Seus olhos brilhavam ao observar cada detalhe daquele material. Em sua mente, ele revisita as horas sob o sol, o cansaço acumulado, mas tinha certeza de que, apesar de tudo, havia valido a pena o esforço.

Mas nem tudo naquele período foi positivo. Com os novos acessos, vieram também as influências. Por volta dos 16 anos, ele começou a se envolver com colegas que o levaram por outros caminhos. Passou a fumar cigarro e tabaco e, com o tempo, a experi-

mentar outros tipos de entorpecentes. Aquilo o fazia sentir-se "adulto". O acesso a esses produtos começou por meio dos amigos, mas logo ele passou a gastar parte do próprio dinheiro com esses itens. Durante sete meses, fez uso desses entorpecentes.

— Naquela época eu queria me provar para as pessoas do lugar que eu morava, mas meus amigos de verdade me incentivaram a parar.

O esporte foi um ponto central na mudança de atitude. Foram os próprios colegas da roda de capoeira que o incentivaram a parar com o uso de entorpecentes. Alguns diziam: "Isso não dá futuro", "Para de fazer isso, que é feio". Após meses de insistência por parte deles, Daniel acordou um dia decidido a abandonar o vício. Nas primeiras semanas, a vontade surgia com força, mas ele se convencia mentalmente de que era capaz de superar aquilo. Com o tempo, o desejo diminuiu e a paixão pelo esporte cresceu ainda mais.

Foi se aperfeiçoando dentro e fora da roda. A corda, que antes era crua, agora carregava cores; símbolo de evolução e aprendizado. Daniel continuou praticando, até que seu professor recebeu uma proposta de trabalho em outra cidade. Por indicação dele, Daniel assumiu o lugar como substituto. A cada criança que chegava, ele enxergava semelhanças entre elas e sua própria trajetória.

— Aprendo muito com vocês, desde a gramática até outras lições da vida. É uma forma de retribuir o que uma vez fizeram por mim. Falei que a história era um pouco longa - disse o professor, sorrindo.

Então, ele se levantou, pegou seu berimbau e começou a tocar. Para encerrar a aula, propôs uma nova roda de capoeira. Samuel foi o primeiro a entrar. Desta vez, com mais coragem, começou a gingar.

— Agora sim, quero ver todos cantando e jogando para a gente finalizar, foi muito bom ministrar essa aula com vocês.

Às 21 horas, o fim da aula se aproximava. Alguns golpes começaram a funcionar, alunos se despediram do professor que, com um sorriso no rosto, guardava os instrumentos. E, ao comprimentar cada um deles, chega a vez do novato.

— Samuel, você chegou agora mais da para ver que tem bastante potencial, aparece mais vezes e, claro, aproveite esses momentos. A idade passa voando…

— Próxima aula estarei de volta, gostei muito de participar. - garante Samuel.

— Já que é sexta não esquece os meus cinco reais. - brinca o professor.

— Pode deixar! Vai comprar um salgado ou um doce?! - brinca Samuel.

**Quatro encontros, quatro histórias, quatro olhares sobre a infância.**
**O que pode surgir de uma conversa íntima entre avó e neta? À sombra de uma mangueira, as memórias de uma infância privada de afetos de Dona Luzia vêm à tona.**
**Conhecemos também Maria, uma mulher que aos 5 anos sofreu um acidente e passou anos com a perna debilitada. Aos 11, se tornou mãe dos irmãos e dona de casa.**
**Entre risos e copos cheios, nós descobrimos, juntamente com os amigos de Gabriel, que ele carrega, há anos, algo muito mais pesado do que poderiam sequer imaginar.**
**Ao fim da aula, em uma roda de conversa, conhecemos um pouco da infância difícil do professor Daniel e da importância de se valorizar as oportunidades que recebemos todos os dias.**